

A Trilha Sonora Da Apuração: Metajornalismo Como Estratégia Imersiva No Podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”

La banda sonora de la investigación: el metaperiodismo como estrategia inmersiva en el podcast “A Mulher da Casa Abandonada”

The Soundtrack of the Investigation: Meta-journalism as an Immersive Strategy in the Podcast “A Mulher da Casa Abandonada”

Taiane Silva; Kênia Maia

Resumo

Este artigo investiga as marcas expressivas do metajornalismo como estratégia imersiva no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, produzido por Chico Felitti em parceria com a Folha. Contextualizamos o podcasting como linguagem radiofônica (Kischinhevsky, 2024) bem como o metajornalismo (Oliveira, 2010). Exercitamos uma abordagem metodológica híbrida, considerando a natureza sonora do objeto. Articulamos o conceito de ponto de escuta (Chion, 2011), incorporado na Análise do Potencial Imersivo (Santos, 2022), com a Análise Crítica do Jornalismo Narrativo em Podcasting (Viana, 2023), focando na transparência das práticas profissionais expostas. Analisamos a série completa, observando memória, bastidores e repercussão jornalística evidenciadas pelo discurso em primeira pessoa do narrador. Como resultado, identificamos como a imersão do ouvinte é guiada pela apuração, atravessada pela

>> Como citar este texto:

SILVA, Taiane; MAIA, Kênia. A Trilha Sonora Da Apuração: Metajornalismo Como Estratégia Imersiva No Podcast “A Mulher Da Casa Abandonada”. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 16, n. 01, p. 148-176, jan./abr. 2025.

Sobre a autoria

Taiane Silva

taiane.medeiros@ufrn.br

<https://orcid.org/0009-0004-8990-1100>

Mestre em Estudos da Mídia pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Graduada Comunicação Social com habilitação em Radialismo e Jornalismo pela UFRN e especialista em Gestão da Comunicação Digital e Mídias Sociais pela Universidade Potiguar.

Kênia Maia

kenia.maia@ufrn.br

<https://orcid.org/0000-0002-0753-7340>

Doutora em Ciências da Informação e Comunicação pela Universidade Paul Verlaine-Metz (França). Professora vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia (UFRN). Integrante do Grupo Marginália de Estudos Transdisciplinares em Comunicação e Cultura da UFRN.

subjetividade, autorreferencialidade e transparência jornalística.

Palavras-chave: Podcasts Narrativos; Metajornalismo; True Crime.

Abstract

This article investigates the expressive marks of metajournalism as an immersive strategy in the podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, produced by Chico Felitti in partnership with Folha. We contextualize podcasting as a radio language (Kischinhevsky, 2024) as well as metajournalism (Oliveira, 2010). We exercise a hybrid methodological approach, considering the sound nature of the object. We articulate the concept of listening point (Chion, 2011), incorporated in the Analysis of Immersive Potential (Santos, 2022), with the Critical Analysis of Narrative Journalism in Podcasting (Viana, 2023), focusing on the transparency of the professional practices exposed. We analyze the complete series, observing memory, behind the scenes and journalistic repercussion evidenced by the narrator's first-person discourse. As a result, we identified how the listener's immersion is guided by the investigation, crossed by subjectivity, self-referentiality and journalistic transparency.

Keywords: Narrative Podcasts; Metajournalism; True Crime.

Resumen

Este artículo investiga las marcas expresivas del metaperiodismo como estrategia inmersiva en el podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, producido por Chico Felitti en colaboración con Folha. Contextualizamos el podcasting como lenguaje radiofónico (Kischinhevsky, 2024) así como el metaperiodismo (Oliveira, 2010). Ejercitamos un enfoque metodológico híbrido, considerando la naturaleza sonora del objeto. Articulamos el concepto de punto de escucha (Chion, 2011), incorporado en el Análisis del Potencial Inmersivo (Santos, 2022), con el Análisis Crítico del Periodismo Narrativo en Podcasting (Viana, 2023), centrándonos en la transparencia de las prácticas profesionales expuestas. Analizamos la serie completa, observando memoria, bastidores y repercusión periodística evidenciadas por el discurso en primera persona del narrador. Como resultado, identificamos cómo la inmersión del oyente es guiada por la investigación, atravesada por la subjetividad, la autorreferencialidad y la transparencia periodística.

Palabras clave: Podcasts narrativos; Metaperiodismo; Crimen real.

Introdução

O áudio digital fomentou a expansão radiofônica além das ondas hertzianas para uma linguagem computacional mais compatível com os aparatos digitais. Sob tais avanços, os estudos em comunicação se voltaram para o futuro cenário do rádio digital ao passo que uma nova maneira de distribuir conteúdo de áudio estava sendo explorada: o podcasting. Assim como o rádio tradicional, e suas adaptações desenvolvidas, o podcasting utiliza o áudio como principal característica e ambos são imersivos em sua essência.

Nessa perspectiva, ao se considerar os elementos que compõem a mensagem sonorizados ao seu potencial de percepção mediante a escuta, temos a expressão de uma linguagem. Balsebre (2023, p. 369) define a linguagem radiofônica como um “conjunto de formas sonoras e não sonoras representadas pelos sistemas expressivos da palavra, da música, dos efeitos sonoros e do silêncio”, cuja significação vem conforme o repertório de recursos técnicos e expressivos que reproduzem o som aliado ao conjunto de variáveis que “caracterizam o processo de percepção sonora e imaginativo-visual dos ouvintes”. Logo, o processo de podcasting também utiliza das peculiaridades da linguagem radiofônica, como voz, silêncio, música e efeitos sonoros (Balsebre, 2023), ao passo que pode beneficiar-se dos recursos de hiperlink, compartilhamento e videográficos proporcionados pelo virtual. Similarmente, o podcasting está amparado na perspectiva de “rádio expandido”, ainda que a sua linguagem tenha peculiaridades próprias de acesso e consumo sendo, atualmente, considerado, também, uma modalidade radiofônica (Kischinhevsky, 2024).

Como objeto de investigação apresentamos o caso de um podcast jornalístico narrativo de grande repercussão chamado “A mulher da casa abandonada”, de Chico Felitti, difundido pela Folha de S.Paulo em 8 junho a 20 de julho de 2022, s quartas-feiras, às 7h. Os sete episódios do podcast alcançaram mais de 7 milhões de downloads. No Brasil, no ano do lançamento, chegou a ocupar a segunda posição dos mais ouvidos no Spotify (Huertas, 2022).

Seu significativo número de acessos gerou uma repercussão que atingiu níveis além da podosfera brasileira. Noticiários, reportagens televisivas, ações judiciais, resgate de animais e até a visita de curiosos em frente à mansão ocorreram após a denúncia midiática.

A escolha de Chico Felitti por uma abordagem aprofundada, explorando sua própria experiência na investigação, busca a construção de um vínculo com o ouvinte. Nesse sentido, compreender como essas estratégias metajornalísticas estão no podcast se torna essencial para analisar de que forma a subjetividade do jornalista e sua participação ativa na narrativa guiam a experiência de imersão do público. O podcast acusticamente elaborado contribui singularmente para o desenvolvimento sobre noções de ambientação e autopercepção do ouvinte. De acordo com Meditsch e Betti (2019), a compreensão de si e do entorno, nesse processo, integram-se em um único cenário auditivo.

Ao escutarmos o podcast “A mulher da casa abandonada” e observarmos os desdobramentos de sua midiatização, temos o potencial de entender como a prática jornalística de Chico Felitti foi exposta e como os recursos sonoros foram utilizados para a intensificação de uma experiência auditiva. Por conseguinte, nos deparamos com a capacidade do podcasting em mediar e modificar pautas sociais, além de refletirmos sobre o exercício do jornalismo subjetivo narrativo. Para isso, nossa abordagem teórico-metodológica fundamenta-se em uma perspectiva híbrida, direcionada às especificidades do jornalismo narrativo em podcasting considerando sua perspectiva narrativa e sonora.

Ao longo da análise crítica, ratifica-se a hipótese que é possível realizar um jornalismo em podcasting imersivo na articulação dos aspectos subjetivos, em tom confessional, e autêntico, na transparência das suas práticas. Logo, testemunhamos em uma escuta imersiva (semântica e reduzida) que, tanto o jornalista foi imersivo ao aprofundar sua investigação, quanto disponibilizou um design sonoro descritivo sobre suas rotinas jornalísticas, o que também pode aumentar a experiência de imersão do ouvinte. Todavia, essa postura merece

estar contemplada dentro uma postura crítico-interpretativa mediante ao seu fazer profissional.

A mulher da casa abandonada

Chico Felitti, em parceria com o Grupo Folha, produziu o podcast “A mulher da casa abandonada”. A reportagem apurou informações sobre uma mulher que mora reclusa em uma mansão deteriorada em um bairro de alto padrão na cidade de São Paulo e, de acordo com vizinhos, esconde um passado criminoso. O jornalista tem sua curiosidade despertada por uma aparente camada de pomada branca que se destacava pelo rosto da moradora do imóvel. A nítida falta de manutenção da mansão torna-a ainda díspar em relação uma rua repleta de prédios de alto padrão. Portanto, a casa é o ponto de partida para o interesse do repórter, que a apresenta como um lugar misterioso e o surpreende pela presença de um morador.

Na produção do podcast “A mulher da casa abandonada”, desde que tomou a decisão de averiguar a moradora do casarão, Felitti porta um gravador e conforme vai apurando os fatos e conversando com pessoas, vai registrando as sonoras, assim como sons ambientais presentes na ação (Felitti, 2022). Em seis meses de apuração e com uma viagem realizada para os Estados Unidos, o jornalista descobriu a história de uma empregada doméstica negra que sofreu por duas décadas vários tipos de violências de seus empregadores, Margarida e Renê Bonetti. A vítima sofreu exploração com trabalhos excessivos, racismo, violência física e psicológica, negligência e tratamento análogo à escravidão praticado por seus então empregadores, enquanto moravam nos Estados Unidos, entre o fim da década 1970 e 1998, quando a vítima conseguiu fugir. Na viagem, Felitti encontra uma testemunha-chave, vizinha do casal, que auxiliou o FBI na investigação e, com isso, conseguiu ainda mais detalhes sobre o crime. Para o podcast, a investigação de Felitti se estende até o fim de maio de 2022, quando o jornalista consegue uma entrevista exclusiva com a “Mari”, fechando a série com o último episódio denominado, enfim, “A mulher da casa abandonada”

(Rocha; Gould, 2023).

Os sete episódios narrativos tiveram duração de 40 a 55 minutos. Mediante a repercussão, foi acrescentado um episódio curto chamado “As novidades sobre o caso, com Chico Felitti” realizado em parceria com o podcast “Café da Manhã”, também produzido pelo jornal Folha de S. Paulo, com apresentação da jornalista Magê Flores e Maurício Meirelles (Felitti, 2022).

Os efeitos da publicação do podcast atingiram as redes sociais, veículos de mídia, como telejornais e sites de notícias, além de uma operação policial com um mandato de invasão à mansão abandonada. O interesse na “A mulher da casa abandonada” denota que produções narrativas em podcasting são capazes de movimentar e impactar tanto a mídia, quanto as instituições e a sociedade como todo. Inclusive, em um anúncio exclusivo no evento CCXP 2024¹, Chico Felitti anunciou que o podcast “A mulher da casa abandonada” vai virar uma série audiovisual documental a ser estreada na plataforma de streaming Prime Vídeo em 2025.

Este estudo parte da discussão sobre a autorreferencialidade do jornalista e adota uma abordagem teórico-metodológica baseada em escuta semântica e imersiva, a fim de analisar como o fazer jornalístico e a transparência das práticas se tornam estratégias de aproximação e construção de um discurso de verdade em podcasts de crimes reais.

Autorreferencialidade e metajornalismo no podcasting *true crime*

Na era digital, com o dilúvio de informações disponibilizadas em rede, com múltiplos focos de notícias, que por vezes também geram desinformação, compete ao jornalismo uma postura ética enquanto organização de produção e difusão de informações. Para isso, o público precisa acreditar que o jornalismo diz a verdade, caso contrário a formação acerca do conhecimento jornalístico

¹ A CCXP significa “Comic Con Experience” e é um dos maiores eventos de cultura pop do mundo, realizado anualmente no Brasil desde 2014. Inspirada na San Diego Comic-Con, reúne fãs de quadrinhos, cinema, séries, games, etc. Destaca-se como um ponto central para anúncios do entretenimento e celebração da cultura geek. Mais informações no site <https://www.ccxp.com.br/>.

não existe (Lisboa; Benetti, 2015). Essa credibilidade não pode ser construída de forma auto-atribuída, mas se caracteriza como um reflexo da relação entre enunciador e interlocutor.

No podcasting, Berry (2019) aponta a intimidade e informalidade como características intrínsecas dessa modalidade que aproxima o ouvinte da mensagem, impactando sobre sua capacidade de imersão e percepção. Tais aspectos têm sido importantes para a ascensão de um jornalismo com tons subjetivos, tornando o próprio repórter como personagem em seu relato. Lindgren (2020) reconhece que esse relato pessoal não isenta o jornalista de apurar os fatos e retratá-los da maneira mais fiel possível. Inclusive, é nessa prática que a autorreferencialidade jornalística se manifesta como um resultado do processo de midiaticização e suas transformações sociais, de tal forma que o relato do repórter sobre a própria enunciação também se constitui como um acontecimento, tanto nos processos que descrevem os modos de dizer, quanto os que detalham suas práticas (Fausto Neto, 2008). Nos podcasts narrativos de realidade, essa autorreferência torna tanto o repórter quanto o jornalismo personagens de um enredo que transparece não só o discurso do agente como sua própria atuação (Viana, 2023).

Entretanto, para Klein (2012), esses processos referenciais são resultados sistemáticos da relação entre mídia, recepção e tecnologia. Infere-se, portanto, que uma sociedade midiaticizada anseia por uma transparência das práticas de produção como um incentivo à credibilidade, bem como pelo reconhecimento delas pelos processos autorreferenciais. Os estudos sobre reportagens narrativas em podcasting (Kischinhevsky, 2018; Lindgren, 2020; Viana, 2023) têm observado uma tendência no aparecimento dessa autorreferencialidade na figura do jornalista enquanto enunciador do relato.

Sendo o repórter também uma figura em evidência nos relatos narrativos em podcasting, Viana (2023) sistematizou o uso da primeira pessoa relacionando-os com a própria prática jornalística, categorizando-os ao: a) explicar o envolvimento com o fato; b) compartilhar sentimentos e sensações

com o ouvinte; c) compartilhar opinião; d) demonstrar limitações da apuração jornalística; e) retratação de falhas ou informações incompletas e f) explicação sobre escolhas e decisões tomadas na produção.

No jornalismo narrativo em podcasting sobre *true crime*, o jornalista se configura de uma forma mais humanizada e na busca de uma postura transparente, permite que certezas e inseguranças façam parte da história, além de reforçar o discurso de verdade ao relatar e testemunhar fatos e, confrontando-os com outras fontes e recursos (Viana, 2023). Punnett (2018) aponta que faltam estudos sobre o “*true crime*”, pois ainda que a cobertura jornalística e as obras sobre crimes reais possam estar compatíveis, os estudos acadêmicos carecem de uma teorização. Por outro lado, existem elementos comuns como a busca por justiça, o detalhamento do local do crime, os aspectos forenses e o posicionamento explícito do narrador diante dos fatos, que contribuem para a construção de um pacto teleológico entre quem produz e quem consome (Punnett, 2018). Nesse pacto, ambos compreendem que a condução narrativa está ancorada em eventos factuais, ainda que se utilizem recursos dramatúrgicos.

Sob uma perspectiva de consumo, Traylor (2019) realizou uma pesquisa a fim de explorar os dispositivos técnicos e formatos preferidos pelas mulheres dentro do *true crime*, considerando os livros impressos, sites, documentários e podcasts como opções de resposta para esse estudo. Os resultados apontam a preferência por consumo de documentários e podcasts em detrimento dos livros impressos e sites, visto que os podcasts têm como grande vantagem a mobilidade e a imersão sonora, ao passo que os documentários conquistam pela capacidade de mostrar fotos ou “dar rostos aos nomes” dos personagens envolvidos, tanto criminosos, quanto vítimas, familiares ou testemunhas (Traylor, 2019). Na podcasting, o autor realça a capacidade dessa linguagem em ativar o imaginário do ouvinte com a história narrada:

Podcasts de crimes reais fazem os ouvintes se preocuparem com a possibilidade de os crimes apresentados no programa acontecerem com

qualquer pessoa, inclusive eles próprios, em grande parte porque as histórias são baseadas em fatos. Adicione a isso a tendência psicológica dos humanos para construir visões assustadoras baseadas em seus próprios medos mais profundos. Os ouvintes ficam tão absorvidos na história que acreditam que isso pode acontecer com eles a qualquer momento (Traylor, 2019, p. 13, *tradução nossa*²).

Os podcasts investigativos têm a possibilidade de oferecer aos ouvintes a amplificação dada imersão ao veicularem sonoras tanto dos suspeitos (sejam eles reclusos ou não) quanto das vítimas e testemunhas, conseguindo dessa maneira transmitir/estimular uma maior intimidade com o público, colocando-o diretamente em contato com as vozes, do que se simplesmente optasse por realizar citações diretas perpassadas pelo seu próprio discurso autoral (Boling, 2019). Trata-se de uma estratégia de transparência que traz autoridade ao que está sendo narrado, com o objetivo de influenciar a percepção do ouvinte e confirmar um discurso verossímil (Perdomo; Rodrigues-Rouleau, 2022).

Essa elaboração acústica contribui singularmente para o desenvolvimento sobre noções de ambientação e autopercepção do ouvinte. Diferentemente das estratégias puramente visuais, a audição não isola espacialmente o ouvinte. Lopez e Freire (2020, p. 67) ressaltam essa capacidade imersiva ao afirmar que as “produções que investem na contação de histórias, na exploração de personagens e na aproximação com a audiência pretendida - características naturais do rádio e som - têm maior potencial imersivo”.

É nesse processo de adentrar o imaginário do público com o amparo das tecnologias, da narrativa e de um aprofundamento investigativo que estaríamos diante de um “novo jornalismo imersivo” (Neveu, 2014, p. 536). Salientamos aqui a imersão como uma “capacidade de transposição da consciência para outro ambiente, seja imaginado ou sinteticamente criado” (Cordeiro; Costa, 2016, p. 100). Logo, ao pensarmos em imersão, estamos lidando sobre a sensação de presença que um produto midiático pode oferecer (Murray, 2003; Longhi; Cordeiro, 2018; Viana, 2023). No jornalismo narrativo em podcasting específico

² Os textos em inglês presentes neste estudo foram realizados pelos autorxs.

em *true crime*, o desejo de alcançar a sensação de presença faz com que o ouvinte saiba que, embora esteja escutando uma narrativa com tons dramáticos, não se trata de uma fabulação.

Outro ponto é o próprio trabalho de apuração, pois quanto mais próximo o repórter estiver da experiência do fato autêntico, mais capacidade terá de aproximar o público dessa experiência (Fonseca et. al., 2019). Sobre essa relação entre acontecimento e experiência mediada entre o jornalismo e o público, Longhi e Caetano (2019, p. 84) propõem uma abordagem comparada ao valor-notícia no âmbito do jornalismo, que é o valor-experiência “entendendo-o como resultado de construções tecnoestéticas e interativas que estabelecem ou incrementam o grau de interesse e envolvimento sensível por uma notícia, a para do seu valor informativo”. Essa perspectiva corrobora que a experiência imersiva no jornalismo pode ser proporcionada tanto pelo seu processo de produção, potencializado pelas tecnologias e sonoridade, quanto pelo consumo frente às vivências e subjetividades do seu público.

Caminhos teórico-metodológicos para uma escuta imersiva

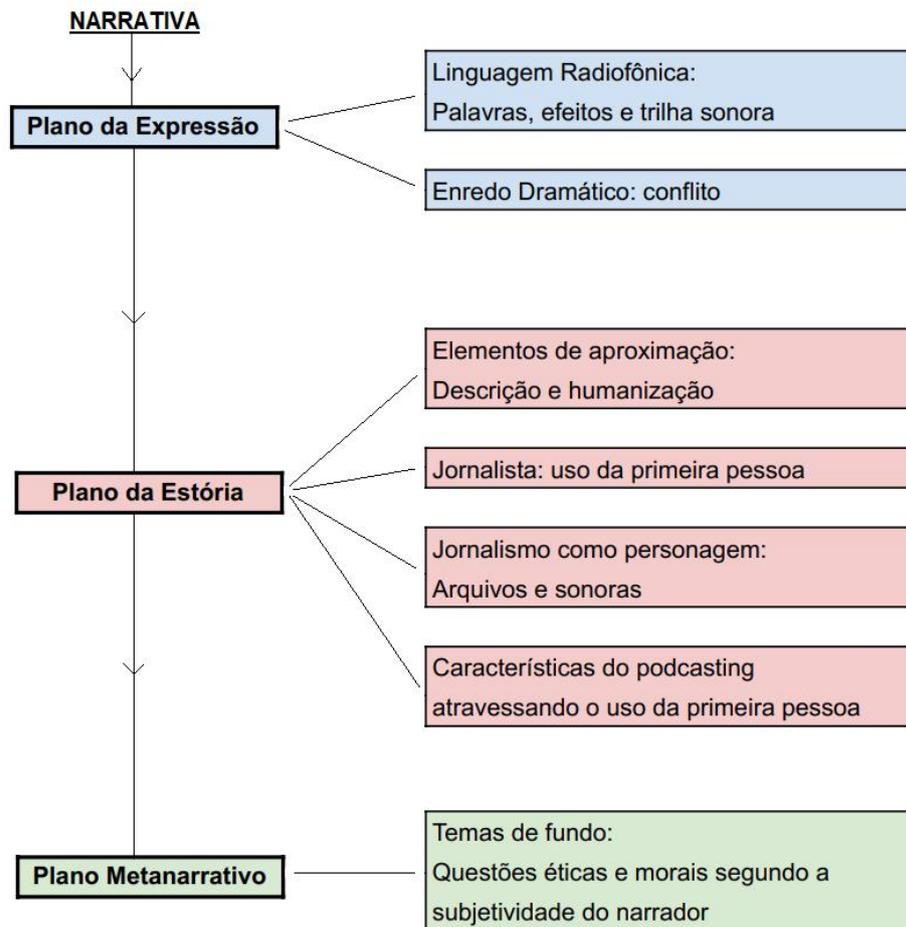
Para entendermos como as ações metajornalísticas se manifestam no podcast “A Mulher da Casa Abandonada”, exploramos a perspectiva do jornalista-narrador Chico Felitti e a forma como ele conduz seu relato sobre o fazer jornalístico. Ao realizarmos um olhar atento à posição do narrador/jornalista na condução de um relato imersivo, Viana (2023, p. 375) estabeleceu três estratégias principais adotadas: aquelas que possuem função estética; as que fomentam a criação de imagens mentais através do som; e aquelas que tem como objetivo estabelecer laços afetivos.

Viana (2023, p. 376) descreve que o primeiro nível está marcado pelo uso de trilhas e efeitos sonoros que são facilmente percebidos, e, portanto, não exigem um nível de imersividade alto em relação às outras camadas mais profundas. O uso está primordialmente atrelado a uma função estética. Já o segundo nível é ainda mais imersivo, pois envolve estratégias que se relacionam

com o imaginário do público, tais como um alto nível descritivo dos personagens, das ações e cenas, seja pela oralidade ou pelos efeitos sonoros (Viana, 2023). O terceiro e último nível tem como função a criação de laços afetivos com o ouvinte, que gerem aproximação e reconhecimento, por exemplo, a fala do repórter em primeira pessoa ou uso de elementos dramáticos no decorrer do podcast (Viana, 2023).

Em síntese, na Análise Crítica do Jornalismo Narrativo em podcasting, Viana (2023) contextualiza primeiramente o Plano da Expressão como a forma como a narrativa se apresenta, referente ao plano da linguagem - contemplando a palavra, efeitos sonoros e trilha, bem como seu enredo dramático; o Plano da Estória embasado em como fatos se organizam e os sentidos se estabelecem incluindo os efeitos sonoros que amparam as técnicas descritivas e de humanização que possibilitam a aproximação com o ouvinte; e o Plano Metanarrativo como as reflexões que vão além do acontecimento principal da trama, que entra a discussão ética e subjetiva do narrador. Essas abordagens podem ser sistematizadas da seguinte forma:

Figura 1: Sistematização da Análise Crítica do jornalismo narrativo em podcasting



Fonte: Viana (2023).

A narrativa perpassa os três planos, sequencialmente, cada qual com seus aspectos estruturais que amparam o desenrolar dos acontecimentos e suas respectivas descrições. Diante desse esquema acima estabelecido (FIG 1) por Viana (2023) e da complexidade de uma narrativa em podcasting, buscaremos por elementos de autorreferencialidade jornalística e das marcas expressivas do metajornalismo em podcasts. O metajornalismo, neste caso, estaria presente no âmbito do Plano Metanarrativo, uma vez que transcende enunciados permeando as questões éticas e morais do âmbito profissional, envolvendo inclusive a exposição de seus bastidores e o próprio fazer profissional. Se para Viana (2023), tanto o jornalista como o jornalismo são personagens do enredo presentes no Plano da Estória, o metajornalismo (Oliveira, 2010) caracteriza-se por uma modalidade de metanarrativa, ainda que essa última possa se manifestar sob

diferentes perspectivas na trama. São propostas nesta metodologia três diferentes abordagens que podem abranger as práticas metajornalísticas em podcasting: memória, bastidores e repercussão.

Em busca de explorar um pouco mais da complexidade sonora do podcasting no aspecto sensorial, trazemos como suporte teórico o Ponto de Escuta de Chion (2011), que trata da posição subjetiva e espacial do ouvinte em relação à sonoridade. Para a identificação desse “lugar” é pertinente que haja uma escuta atenta. Chion (2011) especifica que existem três atitudes de escuta: a casual, a semântica e a reduzida. A escuta casual acontece quando ouvimos o áudio com a proposta de nos informarmos sobre a sua causa, por exemplo, quando chacoalhamos um pote para saber se está cheio ou vazio. Já a escuta semântica, está relacionada ao significado do som, ao invés de à sua fonte propriamente dita. A mensagem, neste caso, é mais tensionada na escuta do que as propriedades físicas do som. Por último, para Chion (2011), a escuta reduzida tem sua atenção voltada para as qualidades sonoras, não necessariamente semânticas ou causais, mas em um sentido acústico, onde características como timbre, altura, duração, intensidade, textura e ritmo são observadas, aproximando-se de uma abordagem fenomenológica.

Para fins de estudos teórico-metodológicos em podcasting, além de conhecermos as escutas, também é pertinente observar como a espacialidade e subjetividade sonora se manifestam e podem ser percebidas. Santos (2022) ainda investiga o potencial sonoro em audiodramas, acionando a perspectiva de ponto de escuta de Chion (2011) aplicada ao contexto radiofônico dramático (Rodero, 2009; Carvalho, 2009) para compreender a espacialidade sonora em podcasting. Por outro lado, sua abordagem também prevê a sonoridade dos personagens, subjetivas ou introspectivas (quando adentramos “mente” ou da “sensação” do personagem) ou subjetiva do ouvinte na percepção dos sons que não estão no plano sonoro das ações, mas são utilizados como condução narrativa, como as trilhas sonoras (Santos, 2022; Carvalho, 2009).

Considerando que o jornalismo narrativo em podcasting utiliza elementos

dramáticos para aprofundar seu relato (Viana, 2023), a análise do potencial imersivo proposta por Santos. (2022) torna-se uma ferramenta adequada para entender a sonoridade, quando as questões éticas e profissionais metajornalísticas são acionadas. Para Viana (2023), o jornalista-narrador busca a proximidade oferecendo uma ambientação ou perspectiva auditiva que demonstra credibilidade por meios dos recursos linguísticos, jornalísticos e sonoros, ratificando seu discurso. Portanto, assim como Santos. (2022), também observamos, no nosso objeto de estudo, a presença dos critérios de posição ou movimentação; espacialidade, subjetividade do personagem, dimensão introspectiva dos personagem e dimensão subjetiva do ouvinte.

Foi realizada uma escuta casual para familiarização com nosso objeto de estudo. Posteriormente, escutamos novamente, mas desta vez com o acompanhamento da transcrição literal para conferência de possíveis divergências entre o roteiro publicado pelo jornal Folha de S.Paulo e o que, de fato, foi para a produção sonora do podcast. Para seleção do corpus de análise, adotamos uma abordagem de escuta semântica, isolando os trechos diretamente ligados ao metajornalismo. Na escuta, destacamos o uso do pronome “eu”, que permeia a narração de Felitti ao longo dos sete episódios. A terceira pessoa foi também separada para análise apenas quando se referia a uma prática jornalística de apuração, seja com a equipe de produção ou na conversa direta com o ouvinte.

Após a escuta semântica, seguida pela realização da análise autorreferencial do repórter, obedecemos à complexidade sonora do podcasting e concentramos nossa escuta para uma perspectiva reduzida, onde prestamos atenção às qualidades do som que estavam presentes quando a apuração era transparecida para o ouvinte. Neste ponto, voltamos à atenção para uso de sonoridades ambientes, sons gravados e arquivos disponibilizados. Essa abordagem é mantida em todos os episódios analisados.

Finalmente, realizamos outra escuta semântica para estabelecermos a presença dos pontos de escuta que foram separados conforme sua percepção

auditiva: posicionamento/movimentação, espacialidade, subjetividade do personagem, subjetividade introspectiva e subjetividade do ouvinte. Reconhecendo e identificando esses pontos de escuta, podemos ter um panorama auditivo de como o jornalista realizou o design sonoro, quando ele desejou transparecer suas práticas profissionais em meio à investigação sobre Margarida e a mansão abandonada.

O metajornalismo como estratégia imersiva no podcast “A mulher da casa abandonada”

Esse enriquecimento subjetivo e a exposição aos bastidores de um processo de apuração nos faz refletir sobre a existência de um processo imersivo tanto por parte de quem produz quanto por parte de quem escuta. Envolvimento este que torna possível o estímulo às mudanças na forma de como o jornalismo pode ser praticado, comercializado e guiado. Sendo assim, verificamos que no podcast “A mulher da casa abandonada” encontram-se elementos que tangenciam a experiência imersiva em dois principais aspectos: 1) a imersão do jornalista no processo de apuração dos e na busca pela contextualização dos fenômenos informativos; e, 2) a imersividade inscrita na produção prevista para audiência ao usufruir o conteúdo midiático (Viana, 2023). Com uma apuração exaustiva, narrativa imersiva e narrador presente, o jornalista busca aproximar-se do ouvinte trazendo detalhes que vão do relato dos acontecimentos, desafios de investigação, descrição de objetos, lugares e pessoas, exposição de conversas gravadas enquanto procurava saber mais sobre quem morava na dita “casa abandonada”.

No primeiro episódio “A mulher”, com o uso dos elementos da linguagem radiofônica para a elaboração de uma estética acústica que aproxime o ouvinte do bairro Higienópolis, aliada à descrição rica do ambiente, o ouvinte tem acesso às informações sobre o bairro, a rua e demais entornos onde a mansão está localizada: “Até que eu vou me aproximando da praça Vila Boim, uma ilha de árvores e de bancos cercada por restaurantes, e noto que alguma coisa arranha

a paz da elite” (Felitti, 2022, Ep. 1, trecho 01’50” - 02’00”). Isso também se tornou perceptível no segundo episódio “A casa”, quando o jornalista tenta inteirar o ouvinte da localidade, descrevendo detalhadamente o local e inclusive citando uma rua “há cem passos da casa”, fechada com cancelas e seguranças: a Rua Barão de Bocaina.

Essa forte descrição dos lugares, das cenas e até mesmo das testemunhas que entrevista, permite que Felitti com seu relato, aliado aos recursos sonoros da narrativa, instigue uma representação imaginativa para o ouvinte. Algumas testemunhas gravadas têm seu nome revelado e outras, somente em parte. Porém, assim como a mansão, o relato do jornalista é tão descritivo que permite que o público, caso deseje, possa encontrar facilmente as pessoas que deram seu depoimento ao repórter. Isso pode ser exemplificado quando o narrador justifica sua escolha ao entrevistar o porteiro “Francisco do Ed. Louveira” quando narra “Faz quase quatro décadas que Francisco está ali. No mesmo lugar. Oito horas por dia, durante a semana, olhando para os fundos da casa abandonada” (Felitti, 2022, Ep. 2, trecho 23’ 10” – 23’ 19”). O mesmo ocorre com o taxista Ivo, no segundo episódio, que não deseja ter seu sobrenome revelado, nem oferece muitos detalhes sobre a rotina de Margarida Bonetti, contudo, seu local de trabalho é identificado, assim como suas características pessoais: “Vou até lá. Só tem um carro sedã estacionado, com um homem de barba amarelada por cigarro encostado no capô. É Ivo. Aqui no podcast vai ser só Ivo mesmo (ele que pediu)” (Felitti, 2022, Ep. 2, trecho 34’15” - 34’ 47”). Sabemos que uma rica descrição geográfica possibilita maior recurso para imaginação e fruição do relato. Todavia, também permite o acesso às informações de cunho real que podem ser acionadas principalmente por pessoas próximas ou por quem conhece a área, prejudicando a privacidade das fontes e transformando-as em alvos involuntários de curiosos ou outros jornalistas.

No primeiro episódio, enquanto Felitti ainda procura descobrir a história de quem mora na mansão deteriorada, foram utilizados recursos narrativos atrelados à linguagem ficcional. Escuta-se, em diversos momentos do enredo,

Chico como participante da ação expõe suas impressões, valores, posicionamentos em relação ao que será ou não revelado. O jornalista faz demarcações que ora revelam os bastidores de apuração jornalística, ora apelam para proposição de crenças folclóricas que atrelada a uma linguagem próxima do jornalismo literário despertam um imaginário de mistério:

E tinha também toda a atração simbólica de uma mansão caindo aos pedaços. Uma casa abandonada é o maior clichê que existe. É a alegoria mais óbvia de filme de terror. O assassino de Psicose mora numa casa abandonada. A bruxa de Blair mora numa casa abandonada. Até a família Adams mora numa casa abandonada. No momento que eu me mudei para Higienópolis, inclusive, eu estava lendo sobre...uma casa abandonada (Felitti. 2022, Ep. 1, trecho 21'39" - 22'00").

Chico Felitti também utiliza de arquétipos de ficção quando relata que a história da mulher poderia estar em um “filme de terror”, contemplando sua opinião e afastando-se de um jornalismo puramente “objetivo e factual”. Esses momentos são conduzidos com trilhas musicais lentas com atmosfera de suspense que utilizam o vibrato do violino (oscilação na altura da nota) como elemento para adicionar expressividade quando Felitti fala sobre a casa e, durante a leitura do conto é usado o piano, também lento, em uma repetição melódica contínua criando um senso de expectativa. A música articulada com o timbre de voz grave do jornalista próxima ao microfone, portanto, intensa e com alto volume, conduz a narrativa para um movimento afetivo emocional que provoca uma sensação de presença (Balsebre, 2023).

No quinto episódio “Outras tantas mulheres”, são acionadas fontes especializadas em direito humanos e causas penais que trazem esse detalhamento acerca dos crimes cometidos análogos à escravidão no país, perfil das vítimas e, finalmente o porquê de Margarida Bonetti não ser julgada, assim como o marido René Bonetti. Escutamos também a frustração do jornalista pelo desfecho dos acontecimentos e inferimos que, em sua opinião, a justiça não foi totalmente feita, até mesmo em relação ao cumprimento de pena de René Bonetti. Chico provoca o ouvinte sobre questões éticas e morais presentes na metanarrativa deste podcast: “Será que o desfecho teria sido igual para uma

pessoa que não tivesse um PHD? Um criminoso que não fosse branco, como é Renê? Um ex-presidiário que não fizesse parte da elite cultural e financeira de um país? São perguntas para as quais eu não tenho resposta.” (Felitti, 2022, Ep. 4, trecho 33’43” - 34’05”). Nesse momento, ouvimos a voz de Chico Felitti pausada, pois, no final de cada pergunta o jornalista instiga a reflexão do ouvinte sobre questões éticas, raciais e morais e, quando admite não saber a resposta, escutamos sobre som com uma música de piano em ritmo lento com notas prolongadas no grave que criam um ambiente sonoro denso e enigmático. Apesar de não escutarmos um silêncio total prolongado (o que poderia atuar negativamente no processo comunicativo), o jornalista pausa sua voz e permite que o ouvinte busque uma resposta sobre essas questões no próprio íntimo, e de certa maneira, continue a narrativa em si mesmo por uns segundos marcando um movimento afetivo (Balsebre, 2023; Baumworcel, 2005).

Em outros momentos do podcast, escutamos a pausa da voz do jornalista com um sobre som da trilha musical, delimitando os núcleos narrativos (Balsebre, 2023). Isto pode ser averiguado quando Vic Schneider passa o telefone com a vítima na linha para Chico Felitti. Nesse ínterim, inicia-se e sobre o som de uma trilha musical de piano lenta com umas notas com ritmo destoante, criando uma atmosfera de ansiedade frente ao inesperado.

Nota-se que a produção é cautelosa na organização dos elementos sonoros, o relevo acústico (Balsebre, 2023), tanto de forma denotativa, na maneira como a produção da série organiza os relatos sem prejuízo de entendimento da informação, como de maneira conotativa, quando oferece trilhas musicais, efeitos sonoros e captação direta de sons ambientes coerente com o contexto do relato. Felitti é prudente na construção desse relevo acústico, evitando o uso excessivo de músicas e buscando uma ambientação espacial mais sutil e real. Em contrapartida, quando a intenção é destacar a expressividade, a produção opta por músicas marcantes, que reforçam a intensidade emocional do podcast de maneira estratégica. Isso enfatiza o equilíbrio entre as escolhas sonoras realizadas e suas finalidades expressivas

que auxiliam a credibilizar o relato (Balsebre, 2023; Viana, 2023).

Felitti demonstra que a valorização de uma abordagem subjetiva com tons ficcionais não rompe o caráter informativo de divulgar fatos apurados e devidamente checados (Sodré, 2009; Rocha, 2022) e, isso, articulado com os bastidores da prática jornalística, concedem ao ouvinte um panorama maior sobre o caso, sobre suas escolhas e uma contextualização sobre suas lacunas de investigação: “Acontece que eu escondi uma coisa de vocês até agora. De propósito. E eu peço desculpa sem realmente sentir culpa, porque era importante para a história que eu deixasse para contar só agora” (Felitti, 2022, Ep. 6, trecho 03’52” - 04’03”). Nesse ponto, ao admitir que omitiu uma parte da informação para contar posteriormente, Chico busca um vínculo de confiança, enaltece sua honestidade e comprometimento com o ouvinte ao passo que também se torna um personagem do próprio enredo (Kovach; Rosenstiel, 2003; Viana, 2023).

Assim sendo, verificamos que o podcast “A mulher da casa abandonada” está inserido em um jornalismo de imersão com tom confessional (Neveu, 2014; Coward, 2013) onde é realizada uma longa e aprofundada reportagem sobre Margarida Bonetti, nela não só se apresentam os fatos sobre a mulher e a casa, mas também busca-se compartilhar impressões, valores pessoais e insights do próprio jornalista, assim como os métodos de seu fazer profissional. No intuito de alcançar empatia, nesse podcast temos um jornalismo sensível onde as subjetividades, a articulação sonora e o estímulo à pluralidade de conhecimento, fazem com que a comunicação admita uma complexidade mais relacional do que simplesmente informacional (Rocha, 2022).

Durante toda a construção da série, o jornalista propõe que as próprias testemunhas façam parte do narrar através das respostas concedidas nas entrevistas e nas gravações ocultas, possibilitando que o próprio ouvinte, em uma escuta atenta, tenha impressões sobre todas as falas presentes na trama e possa julgar se expressam segurança, medo, convicção, dúvida, hesitação e demais reações através da modulação e outras qualidades sonoras da voz (Jauregui; Viana, 2023). No sétimo episódio, “A mulher da casa abandonada”,

percebe-se no início da entrevista, uma fala hesitante e confusa de Margarida Bonetti que erra a pronúncia das palavras, fica ainda mais aguda em momentos de tensão e não termina de pronunciar algumas frases.

Sua investigação aprofundada sobre o crime do casal Bonetti não impede que Chico demonstre as limitações dessa apuração para o ouvinte. O jornalista em diversos momentos tem dificuldade em encontrar mais informações nas mídias online sobre o caso, não encontrou o contato das irmãs de Margarida, foi expulso da igreja Mother of God que preferiu não se posicionar, não conseguiu contato com René Bonetti para contemplar sua versão dos fatos, sem contar as inúmeras vezes que foi ignorado pela mulher da casa abandonada. Essa exposição contribui para uma postura íntegra do campo jornalístico além de ganhar um caráter mais verossímil perante a audiência (Viana, 2023).

Além disso, impacta a forma como o ouvinte compreende as rotinas jornalísticas e como elas são performadas, especialmente em um mundo midiático que também anseia para entender os processos pelos quais a mídia é produzida (Ryfe, 2017; Klein, 2012). Com essa relação de transparência e confiança, potencializada com a imersão e os elementos da linguagem radiofônica, o ouvinte pode refletir e compreender melhor as nuances e os desafios do jornalismo atual. Por outro lado, esse jornalismo marca ainda mais sua presença como estrutura social e se autolegitima explicitando seu próprio lugar ao expor o que, como e porque o faz. Portanto, o metajornalismo também é estratégico (Oliveira, 2010; Karlson, 2011).

Em um trabalho descritivo de design sonoro, o podcast “A mulher da casa abandonada” temos um “valor-experiência” mediante as construções estética-acústicas que incrementam o envolvimento sensível e potencializam a formação de imagens mentais que contribuem para a imersão (Longhi; Caetano, 2019; Viana, 2023). Essas construções dialogam diretamente com os pontos de escuta (Chion, 2011) em que podemos ter dimensões de espacialidade (posicionamento e ambientação) e subjetividade (do personagem, introspectiva e do ouvinte).

Portanto, através da articulação da linguagem radiofônica (Balsebre, 2023)

conduzida pelos pontos de escuta (Chion, 2011), representamos como a postura autorreferencial metajornalística de Chico Felitti, como repórter, pode se caracterizar como uma estratégia imersiva. Para isso, incorporarmos os níveis de imersividade para o jornalismo narrativo em podcasting propostos por Viana (2023) para entendermos como o metajornalismo no podcast “A mulher da casa abandonada” proporciona esse “valor-experiência” de maneira estratégica para uma maior aproximação e aumento de confiança com ouvinte além de legitimar-se como uma autoridade institucional (Longhi; Caetano, 2019; Karlson, 2011).

Segundo Viana (2023) no primeiro nível, encontram-se as estratégias que tem como objetivo promover a estética, logo são mais facilmente percebidos e menos imersivos. No recorte metajornalístico desta pesquisa, as trilhas musicais em volume baixo com sons de violino e/ou piano, durante a narração direta de Felitti ao longo do podcast, com atmosfera de suspense, atuam mais como elemento estético e condução narrativa. Um exemplo é quando Felitti no primeiro episódio, pesquisa sobre a casa abandonada na Internet. Entre a decisão de buscar mais informações e os comentários sobre a mansão no site de arquitetura, existe um sobe som de poucos segundos com uma trilha musical de piano que prossegue enquanto o jornalista relata os achados no site. A função dessa música é uma estética, ainda que evoque um clima emocional. Ela está relacionada ao ponto de escuta subjetivo do ouvinte (Chion, 2011; Carvalho, 2009; Santos, 2022), desse modo a música não está presente no plano sonoro onde acontecem as ações do repórter.

No segundo nível, os elementos da linguagem radiofônica são articulados para propiciar a criação de imagens mentais nos ouvintes (Viana, 2023). Trata-se de uma segunda camada, de imersão intermediária, pois exige uma escuta mais atenta. No podcast, os sons dos passos do jornalista, os sons dos pássaros de Gaithersburg, a captação do som direto do metrô de Washington com a voz das estações e das pessoas conversando no vagão, os latidos dos cachorros de Margarida Bonetti enquanto ela não aparece, o toque do telefone de Chico quando Margarida liga, toda a riqueza de detalhes das paisagens que Felitti

passou, entra nesse campo de imersão. Esse segundo nível está correlato às dimensões de ponto de escuta referentes à espacialidade e a subjetividade do personagem, pois atuam como uma função descritiva e incentivam a imaginação do ouvinte sobre o ambiente e as ações em que o jornalista realiza a investigação (Rodero, 2009; Santos, 2022; Viana, 2023).

Já o terceiro nível de imersividade no jornalismo narrativo sonoro está voltado para a busca de aproximação com o ouvinte através da criação de laços afetivos entre quem narra e quem escuta (Viana, 2023). São vários os momentos em que esse terceiro nível se manifesta na esfera metajornalística: quando Chico Felitti pressupõe dúvidas do ouvinte sobre a gravação que realiza durante a derrubada da árvore; quando expõe sua frustração e prevê esse mesmo sentimento no ouvinte com o desfecho judicial do caso, no momento em que questiona-se se o mesmo aconteceria se os acusados não fossem de uma classe com poder aquisitivo; quando revela o texto que terminaria o podcast, caso não tivesse conseguido a entrevista com Margarida; entre outros momentos da apuração em que o jornalista “conversa” com o ouvinte em busca de empatia. A sonoridade, que também perpassa os outros dois níveis imersivos, conduz o ouvinte para a criação desse laço afetivo e maior envolvimento na trama.

Em suma, investigar o papel do metajornalismo como um recurso estratégico de imersão e seus níveis no podcasting, permite-nos refletir sobre a influência do jornalismo como personagem na narrativa do podcast “A mulher da casa abandonada” e sobre seu papel atuante frente à realidade social e até no curso dos acontecimentos, como observamos na midiatização de Margarida Bonetti e da mansão (Viana, 2023). Essa discussão vai além quando tangem questões éticas e sociais que atingem diretamente a vida pública.

Chico tem uma postura assertiva ao não revelar o nome da ex-empregada doméstica, nem dos familiares herdeiros da família Bonetti, assim como as demais testemunhas que do caso que não quiseram ser expostas ou apenas identificadas em parte. Contudo, em alguns momentos da história, ele transpõe detalhes que podem levar tanto reconhecer, como encontrar as

vítimas. Todavia, a riqueza de detalhes sobre a mansão e a mulher moradora, atrelada a um arquétipo folclórico de “bruxa” pela investigação do próprio jornalista, gerou uma grande repercussão do podcast após a sua estreia. Relembramos que os primeiros episódios contavam com milhões de acessos, e antes da transmissão ao vivo da entrada da polícia civil, as pessoas já estavam visitando a mansão, seja para tirar fotos ou promover vídeos.

Junto ao aumento da repercussão, é somente a partir do quinto episódio que temos o aviso sobre o podcast ser uma reportagem e não uma investigação judicial, condenando represálias aos envolvidos. À propósito, o quinto episódio “Outras Tantas Mulheres” possui um perfil mais jornalístico no sentido de trazer informações ao público através de especialistas que contextualizam as raízes estruturais do trabalho doméstico e trazem uma abordagem jurídica sobre casos análogos à escravidão no país. A partir desse episódio, Felitti acrescenta ao final dos episódios seguintes o contato da Secretaria Especial de Previdência e Trabalho e explica para o ouvinte como denunciar possíveis casos semelhantes.

Ao analisarmos a investigação apresentada na série, observamos que o foco narrativo concentra-se, em grande parte, na apuração em primeira pessoa conduzida por Chico Felitti sobre a figura de Margarida Bonetti. O tema do trabalho análogo à escravidão, embora constitua o verdadeiro interesse público da narrativa, é relegado a um papel secundário. A contextualização do problema e a exposição do panorama nacional são abordadas de forma restrita, limitando-se, de maneira mais expressiva, apenas ao quinto episódio. Outro ponto de reflexão, está na captação de áudio direto no último episódio durante a entrevista com Margarida, pois ainda que Felitti justifique a escolha em não procurar um estúdio profissional, admite-se que sua voz está em melhor qualidade do que a da entrevistada que está por telefone, e portanto, diante considerando o relevo acústico, infere-se uma vantagem comunicativa em relação ao ouvinte que consegue percebê-lo melhor e o dimensiona em uma postura de autoridade pelo seu trabalho profissional de confronto e busca de verdade.

Isso posto, provocamos uma reflexão sobre o papel do jornalista sob seu

viés investigativo, assim como o uso de suas técnicas de apuração e fornecimento de informações ocultas mediante sua subjetividade. A investigação de Felitti, por mais que esteja embasada em um interesse público, não deve estar imune a uma reflexão crítica sobre as fronteiras do jornalismo investigativo, a fim de que não se confundam com as fronteiras de uma investigação policial (Fortes, 2005; Sequeira, 2005). Kischinhevsky et. al. (2023, p. 136) nos alerta que “o crescente uso da primeira pessoa traz diversas questões éticas para o jornalismo sonoro e para o papel de mediação social que os podcasters reivindicam para si”. Portanto, o trabalho de transparência metajornalística como uma estratégia imersiva dentro do contexto em que o jornalista desempenha um papel de personagem-mediador, merece uma reflexão do próprio campo jornalístico e de toda sociedade, através de uma postura ética e crítico-interpretativa frente às tensões da apuração transparente de Chico Felitti e as repercussões sobre a vida dos envolvidos, assim como da própria Margarida.

Ainda que a criatividade seja importante e tenha seu papel em uma produção com viés de proximidade e imersão, esta pesquisa considera que as concepções subjetivas também devem estar sob discussão metajornalística uma vez que as reportagens impactam significativamente sobre a realidade social e suas esferas. Quando refletimos sobre a capacidade de imersão do jornalismo no podcasting narrativo, a repercussão do podcast “A mulher da casa abandonada” demonstrou potencial de mobilização social e desdobramentos em diversos outros meios midiáticos. O uso de arquétipos para representar a mansão e sua moradora, aliado a uma narrativa imersiva e transparente, pode ter contribuído para a espetacularização do caso. Essa abordagem acabou por complexificar e, até mesmo, ofuscar discussões mais profundas e relevantes sobre os crimes relacionados ao trabalho análogo à escravidão, além de questões de gênero e raça no contexto do país (Kischinhevsky, 2024).

Considerações Finais

Observamos que o podcasting *true crime* é terreno fértil para uma linguagem imersiva que abrange diferentes estratégias, sejam literárias ou acústicas, e permitem um envolvimento com o ouvinte. A herança da linguagem radiofônica possibilita que o ouvinte consiga escutar as vozes das testemunhas, dos suspeitos, arquivos de áudios originais e, diante dessa gama de recursos, estabelecer seus próprios juízos de valor sobre o caso. Apresentamos que as produções *true crime* têm como ponto forte o uso de uma descrição aprofundada sobre a investigação e junto com a subjetividade do próprio repórter, firma-se um pacto de veracidade, mesmo que se utilize recursos ficcionais para dar ênfase à complexidade das narrativas desse gênero. Todavia, é importante destacar que essa prática demanda um equilíbrio ético, pois essa subjetividade pode tensionar princípios referentes ao interesse público, especialmente quando aplicada a conteúdos narrativos.

Na análise crítica em relação à narrativa, observando os pontos de escuta que tornam ainda mais envolvente a experiência do podcasting, temos o contato tanto com o compartilhamento de experiência do jornalista quanto com o próprio ambiente onde ele esteve apurando os fatos. Nesse sentido, em “A mulher da casa abandonada”, Chico Felitti foi o personagem da trama e seu modo de condução investigativa, assim como os materiais jornalísticos utilizados para atestar a veracidade do seu discurso, também se caracterizaram como personagens que narram e mudam o curso da própria produção da série.

Esta pesquisa verificou que é possível adotar uma postura de jornalismo com tons subjetivos, contudo, essa abordagem não deve estar isenta de preceitos éticos e morais, pois o excesso de transparência em busca de proximidade com o ouvinte pode gerar resultados inesperados. Em resposta à motivação deste estudo, que busca entender as abordagens metajornalísticas e como os aspectos autorreferenciais de Chico Felitti foram estrategicamente articulados para guiar a experiência do ouvinte, validamos os seguintes elementos: 1) Chico utiliza de uma linguagem informal que dialoga diretamente com o ouvinte, demonstrando suas sensações e incertezas; 2) Humaniza-se

quando admite que não deveria realizar algumas práticas de apuração, ainda que segundo ele seja por notório interesse público, ou quando evidencia seus sucessos, medos, fracassos e desejos (como a vontade de denunciar Margarida); 3) Conduz toda a série ao optar por um design musical privilegiando sons de violino e piano que criam um clima de mistério e curiosidade, inspirado pelo seu próprio imaginário em relação à mansão; 4) Destaca as repercussões midiáticas do caso e expõe seus pensamentos sobre elas; 5) Transparece em detalhes suas motivações pessoais e os cenários em que esteve presente durante a apuração jornalística.

Diante dessa postura adotada pelo repórter e roteirista no podcast, reconhecemos a importância de refletir sobre quais valores e impressões pessoais podem influenciar a percepção do ouvinte em um processo imersivo e até que ponto isso pode comprometer juízos de valor em relação ao factual. O uso do emocional na escrita sobre acontecimentos, atrelado a uma condução sonora condizente com arquétipos e imaginários, culmina em riscos e nos provoca uma antiga discussão sobre o fazer jornalístico e o verdadeiro interesse público. Estudos sobre recepção e imersividade no podcasting, considerando o ponto de escuta do ouvinte, podem contribuir para a ampliação sobre o entendimento de como essa modalidade sonora impacta a audiência e até que ponto os valores experiência proporcionados pela escuta podem ser alcançados.

Assim como em outras mídias, no podcasting, os desafios do campo jornalístico formam um terreno de oportunidades para que os profissionais renovem sua legitimidade, redefinam suas fronteiras e estabeleçam diretrizes sobre a verificação dos fatos. Compreendemos a importância de propor uma reflexão crítica e ética em relação ao próprio fazer jornalístico como uma resposta ao cenário midiático atual, caracterizado por uma era de pós-verdade. O metajornalismo deve ir além de uma estratégia de aproximação e também manifestar-se em uma postura crítica-interpretativa constante para questionar as práticas jornalísticas estabelecidas, refletir sobre os processos de produção da informação e estimular a audiência a adotar uma postura mais consciente e

analítica diante das narrativas midiáticas.

Referências

BALSEBRE, A. A linguagem radiofônica. In: MEDITSCH, E. (Org.). **Teorias do Rádio: textos e contextos**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2023. p. 367.

BAUMWORCEL, A. Armand Balsebre e a teoria expressiva do rádio. **Teorias do rádio: textos e contextos**, v. 1, 2005.

BERRY, R. Mapping podcasts. **Radio & Podcast Academic**, Sunderland (UK), 28 dez. 2019. Disponível em: <https://richardberry.eu/mapping-podcasts/>. Acesso em: 15 ago. 2023.

BOLING, K. S. True crime podcasting: Journalism, justice or entertainment?. **Radio Journal: International Studies in Broadcast & Audio Media**, v. 17, n. 2, p. 161-178, 2019.

CARVALHO, A. A percepção sonora no cinema: ver com os ouvidos, ouvir com outros sentidos. 2009. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Niterói, 2009.

CHION, M. **A audiovisual: som e imagem no cinema**. Trad. Pedro Elói Duarte. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2011.

CORDEIRO, W. R.; COSTA, L. Jornalismo imersivo: perspectivas para os novos formatos. **Leituras do jornalismo**, v. 1, n. 6, 2016.

COWARD, R. **Speaking Personally: The Rise of Subjective and Confessional Journalism**. Basingstoke, UK: Palgrave Macmillan, 2013.

CHRISTOFOLETTI, R.; BECKER, D. O que dizem normas internas e editorial guidelines da Globo e da EBC sobre transparência jornalística?. **Mediapolis – Revista de Comunicação, Jornalismo e Espaço Público**, n. 13, p. 141-154, 2021.

FAUSTO NETO, A. Fragmentos de uma analítica da midiatização. **Matrizes**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 89-105, abr. 2008.

FELITTI, C. A mulher da casa abandonada. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 8 jun. 2022. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0xyzsMcSzudBlen2Ki2dqV?si=13ee9d2c359e4033>. Acesso em: 2 fev. 2023.

FONSECA, A. dos A.; LIMA, L. S.; BARBOSA, S. O. Uma proposta de framework teórico para análise da experiência no jornalismo imersivo. In: **E-compós**, v. 23, 2020.

FORTES, L. **Jornalismo Investigativo**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

HUERTAS, C. Os podcasts mais ouvidos de 2022, segundo o Spotify. **Meio & Mensagem**, 30 nov. 2022. Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/midia/podcasts-mais-ouvidos-de-2022>. Acesso em: 18 ago. 2023.

JÁUREGUI, C.; VIANA, L. Relatos sonoros de um crime: o Caso Evandro pela ótica do True Crime. **Revista FAMECOS - Mídia, Cultura e Tecnologia**, v. 29, n. 1, 2022.

KARLSSON, M. The immediacy of online news, the visibility of journalistic processes and a restructuring of journalistic authority. **Journalism**, v. 12, n. 3, p. 279-295, 2011.

KISCHINHEVSKY, M. **Cultura do Podcast: reconfigurações do rádio expandido**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2024.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio em episódios, via internet: aproximações entre o podcasting e o conceito de jornalismo narrativo. **Revista de la Asociación Española de Investigación de la Comunicación**, Santiago de Compostela, v. 5, n. 10, p. 74-81, 2018.

KISCHINHEVSKY, M. Rádio social: mapeando novas práticas interacionais sonoras. **Revista Famecos**, v. 19, n. 2, p. 410-437, 2012.

KISCHINHEVSKY, M.; FRAGA, K.; COUTO, L. Considerações sobre a narrativa em primeira pessoa no podcast Praia dos Ossos. **Radiofonias - Revista de Estudos em Mídia Sonora**, v. 14, n. 3, p. 113-139, 2023.

KOVACH, B.; ROSENSTIEL, T. **Os elementos do jornalismo**. São Paulo: Geração Editorial, 2003.

LINDGREN, M. Jornalismo narrativo pessoal e podcasting. Tradução: Gustavo Ferreira. **Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora**, Mariana-MG, v. 11, n. 1, p. 112-136, jan./abr. 2020.

LISBOA, S. S. de M. Jornalismo e a credibilidade percebida pelo leitor: independência, imparcialidade, honestidade, objetividade e coerência. 2012. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Informação) – Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 112 p.

LONGHI, R. R.; CAETANO, K. Valor-experiência no contexto do jornalismo experiencial. **Galáxia** (São Paulo), n. 42, p. 82-95, 2019.

LONGHI, R. R.; CORDEIRO, W. R. No jornalismo imersivo, o infográfico é hiper. **Líbero**, n. 42, p. 159-174, 2018.

LOPEZ, D. C.; FREIRE, M. Métodos digitais aplicados às pesquisas de rádio expandido: desafios metodológicos. In: **Anais 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, Joinville, 2018.

MURRAY, J. Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço. São Paulo :Itaú Cultural - Unesp, 2003.

NEVEU, E. Revisiting narrative journalism as one of the futures of journalism. In: **The Future of Journalism: In an Age of Digital Media and Economic Uncertainty**. Routledge, 2017.

OLIVEIRA, M. Metajornalismo: do discurso normativo à autorreferencialidade como condição ética. **Sur le journalisme. About journalism. Sobre jornalismo**, v. 5, n. 2, p. 32-43, 2016.

OLIVEIRA, M. **Metajornalismo: quando o jornalismo é sujeito do próprio discurso**. Coimbra: Grácio Editor, 2010.

PAPELPOP. Um Milkshake Chamado Wanda e Além do Meme entram para top episódios de 2020 do Spotify. **PapelPop**, 2020. Disponível em:

<https://www.papelpop.com/2020/12/um-milkshake-chamado-wanda-e-alem-do-meme-entram-para-top-episodios-de-2020-do-spotify/>. Acesso em: 6 fev. 2025.

PERDOMO, G.; RODRIGUES-ROULEAU, P. Transparency as metajournalistic performance: The New York Times' Caliphate podcast and new ways to claim journalistic authority. **Journalism**, v. 23, n. 11, p. 2311-2327, 2022.

PUNNETT, I. C. **Toward a Theory of True Crime Narratives: A Textual Analysis**. Abingdon, Inglaterra: Routledge, 2018.

ROCHA, V.; GOULD, L. Afetos perdidos num lar em ruínas: Uma análise do podcast "A Mulher da Casa Abandonada" sob a perspectiva do Jornalismo Sensível. **Educação, Cultura e Comunicação**, v. 14, n. 27, 2023.

ROCHA, V. **O Jornalismo Sensível: leituras plurais da realidade apresentada pelos afetos**. Curitiba: Editora Appris, 2022.

RODERO, E. Point of listening in a radio fiction: the eternal problem. **Observatorio (OBS) Journal**, v. 3, n. 3, p. 242-252, 2009. Disponível em: <http://documents.emmarodero.com/019-pointoflistening.pdf>. Acesso em: 10 set. 2024.

RYFE, D. News routines, role performance and change in journalism. In: MELLADO, C.; HELLMUELLER, L.; DONSBACH, W. (Eds.). **Journalistic role performance: Concepts, contexts and methods**. Nova York: Routledge, 2017.

SANTOS, P. C. P. dos. A criação de ambientes através do som: caminhos imersivos no podcast de storytelling ficcional "Contador de Histórias". 2022. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal de Ouro Preto, Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Ouro Preto, 2022.

TRAYLOR, C. M. Serialized killing: usability and user experience in the true crime genre. Thesis (Master of Arts). Ball State University. Indiana, United States, 2019.

SODRÉ, M. **A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis: Vozes, 2009.

VIANA, L. **Jornalismo narrativo em podcast: Imersividade, dramaturgia e narrativa autoral**. Digitaliza Conteúdo, 2023.